DIÁRIO DE ARTISTA

— CADERNO DE TRAVESSIAS

Valéria Pinheiro

Este diário nasce como espaço de escuta do meu próprio processo criativo.

Aqui registro aquilo que me atravessa antes de se tornar obra: perguntas, memórias, encontros, imagens, incômodos, palavras, referências, materiais, erros, descobertas e mudanças de percurso.

Não quero registrar apenas aquilo que produzi, mas compreender por que produzi, de onde nasceu a necessidade de criar e o que se transformou durante o processo.

Minha criação geralmente começa por uma inquietação.

Algo no mundo me toca, incomoda ou permanece em mim.

Depois vem a observação.

A pesquisa.

A escolha dos símbolos.

A matéria.

O gesto.

E, aos poucos, aquilo que ainda não possuía forma começa a se tornar imagem.

Para cada processo criativo

Data / lugar:

Onde estou? Em que momento da minha vida esta obra nasce?

O que me atravessa hoje?

Que pensamento, acontecimento, imagem, memória ou situação permanece em mim?

Qual é a inquietação?

O que desejo compreender ou investigar?

Pergunta que move a obra:

Não preciso encontrar uma resposta. Qual pergunta quero sustentar?

Palavras-chave:

Ex.: memória, infância, dignidade, ausência, pertencimento, silêncio, espiritualidade, justiça, esperança, travessia.

Imagens e referências:

Fotografias, obras, textos, músicas, conversas, notícias, objetos ou acontecimentos que se aproximam da pesquisa.

Símbolos que aparecem:

Costura, ferida, porta, caminho, mãos, raízes, casa, medicamentos, roupas, brinquedos, cartas, cicatrizes etc.

Escolhas de matéria:

Por que tela? Papelão? Tecido? Madeira? Fotografia? Objetos?

O que o próprio material comunica?

Cores:

Que atmosfera quero construir?

Que relação existe entre cor e significado?

Primeiros esboços:

Desenhos, palavras, colagens e possibilidades de composição.

Durante a criação

O que aconteceu quando comecei a fazer?

O processo confirmou minha ideia inicial ou levou a obra para outro caminho?

O que apareceu sem que eu tivesse planejado?

O que retirei? O que acrescentei? Por quê?

Houve algum “erro” que abriu uma nova possibilidade?

Que sensação tenho diante da obra neste momento?

O que ainda está faltando?

Uma frase importante para o seu diário:

Nem tudo o que surge durante o processo precisa permanecer na obra, mas tudo pode ensinar alguma coisa sobre ela.

A travessia da obra

Ao terminar ou interromper uma obra, você pode responder:

De onde esta obra partiu?

Por onde ela passou?

Onde ela chegou?

O que mudou entre a ideia inicial e o resultado?

O que compreendi durante o processo que não sabia antes?

Esta obra me devolveu alguma pergunta?

Que relação ela estabelece com minha pesquisa maior?

Ela fala de dor, memória, dignidade, pertencimento, justiça, espiritualidade, esperança ou produção de sentido? Como?

O encontro com o outro

Como as pessoas reagiram?

Que perguntas fizeram?

Alguma pessoa percebeu algo que eu não havia pensado?

A obra provocou aproximação, incômodo, silêncio, identificação?

Que novos sentidos apareceram quando a obra deixou meu atelier e encontrou outras pessoas?

Essa parte será especialmente importante para sua pesquisa porque você acredita que a obra não termina no artista: o encontro também produz sentido.

Página livre — “O que ainda não sei”

Esta poderia ser uma página recorrente no diário.

Escrever apenas:

O que ainda não sei sobre esta obra?

E escrever livremente.

Porque um diário de artista não precisa documentar apenas certezas.

Ele pode preservar dúvidas.

Contradições.

Tentativas.

Intuições.

E perguntas que ainda não encontraram forma.

Síntese mensal

No final de cada mês:

O que mais apareceu na minha produção?

Quais temas estão insistindo?

Quais símbolos se repetiram?

Que materiais comecei a desejar utilizar?

O que mudou na minha linguagem?

Que autores, artistas ou experiências dialogaram comigo?

Qual pergunta quero levar para o próximo mês?

E fechar com:

Minha travessia deste mês foi…

Eu ainda daria um nome autoral para esse caderno:

Caderno de Travessias — Diário de Processo de Valéria Pinheiro

E na primeira página colocaria apenas:

“Antes de existir como obra, alguma coisa precisa me atravessar.”

Valéria Pinheiro